

# GEOPOESIA EM MILTON HATOUM: DIÁSPORAS DO AFETO E *RELATOS* DA VIOLÊNCIA EM UMA CERTA AMA- ZÔNIA

## *GEOPOETRY IN MILTON HATOUM: DIASPORAS OF AFFECTION AND ACCOUNTS OF VIOLENCE IN A CERTAIN AMAZON*

Augusto Rodrigues da Silva Junior (UnB/UEA)<sup>1</sup>

Juciane dos Santos Cavalheiro (UEA)<sup>2</sup>

Marcos Eustáquio de Paula Neto (UnB)<sup>3</sup>

---

1 Doutor em Literatura Comparada pela UFF. Professor Associado III do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (TEL/UnB). Professor do PPGLA/UEA/Manaus & POSLIT (UnB). E-mail: augustorodriguesdr@gmail.com

2 Doutora em Linguística pela UFPB. Professora Titular do curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas. Professora do PPGLA/UEA/Manaus. E-mail: jcavalheiro@uea.edu.br

3 Doutorando em Literatura e Práticas Sociais e Mestre em Literatura pela UnB. Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Brasília (IFB). E-mail: marcoseustaquio94@gmail.com

**RESUMO:** Este trabalho percorre passagens da prosa de Milton Hatoum, especificamente em seus romances *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois irmãos* (2000), com pontos de diálogo com os contos-ideia de *A cidade Ilhada* (2009). É nesse esforço que propomos discussão em torno do narrador (conforme compreendido por Walter Benjamin em texto homônimo; 1936; 1994) em seus deslocamentos por uma Manaus hatouniana. Ao estudar alguns personagens, os trânsitos se dão pelos corpos, pela palavra, pelos enfronteiramentos e nas relações diaspóricas afetivas. Deste modo, a geopoiesia revela que as raizamas de Manaus – tópicos e tropos liminares – consistem em diásporas do afeto e relatos da violência que equipam os narradores da geopoiesia hatouniana de travessias, oralidades, histórias e sentimentos do mundo. Nossa escrita tem como ponto de partida o campo crítico da geopoiesia como “escrita da terra”. Nessa perspectiva, as diásporas do afeto e os relatos da violência apresentam uma criação artística plena de valores éticos e estéticos em trânsitos, buscando sempre uma certa Amazônia – a Amazônia de Milton Hatoum.

**Palavras-chave:** Milton Hatoum; Geopoiesia; Relato de um certo oriente; Dois irmãos; Diásporas afetivas.

### **ABSTRACT:**

This work proposes to explore passages from the prose of Milton Hatoum, specifically in his novels *Relato de um certo Oriente* (1989) and *Dois irmãos* (2000), with points of dialogue with the conceptual stories of *A cidade Ilhada* (2009). It is in this effort that we propose a discussion around the narrator (as understood by Walter Benjamin in the homonymous text; 1936; 1994) in their movements through a Hatoumian Manaus. By studying some characters, the transitions occur through bodies, words, confrontations, and in affective diasporic relationships. In this way, geopoiesis reveals that the roots of Manaus – its topical and liminal tropes – consist of diasporas of affection and accounts of violence that equip the narrators of Hatoumian geopoiesis with crossings, oralities, histories, and emotions of the world. Our writing starts from the critical field of geopoiesis as “writing of the land”. From this perspective, the diasporas of affection and accounts of violence present an artistic creation full of ethical and aesthetic values in transitions, always seeking a certain Amazon – the Amazon of Milton Hatoum.

**Keywords:** Milton Hatoum; Geopoetry; Relato de um certo oriente; Dois irmãos; Affection Diasporas.

## 1. Geopoesia do Norte

A geopoesia aponta que os trânsitos se apresentam como tópicos e tropos nos deslocamentos, que se singularizam pelos corpos, pela palavra e pelas relações diaspóricas. É nessa perspectiva crítica da escrita responsiva à terra (Silva Junior; Marques, 2016) – indicada como geopoesia – que analisaremos as diásporas do afeto e os relatos da violência em uma certa Amazônia na obra de Milton Hatoum, em especial seus dois primeiros romances *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois irmãos* (2000).

As cidades e os seres ilhados, na prosa de Hatoum, apontam para as ligações afetivas e flúvias nas incertezas amazônicas que movimentam seres de insulamento, nos arquipélagos existenciais e nos sentimentos afetivos de um mundo coberto de águas. Os narradores vão compondo rastros de memória que expandem as ideias de raízes (Holanda, 1995) e rizomas (Deleuze; Guattari, 1995).

A Amazônia é, sem dúvida, um dos grandes temas da atualidade e pensar diásporas em uma grande diáspora nos permite aprofundar as relações entre a escrita e as palavras úmidas que deixam marcas afetivas nos corpos da multidão e rastros violentos nos naufrágios existenciais dos navegantes. Em alguns casos, a movência da vida e mobilidade da produção criativa geram uma forte fusão biobibliográfica no que se escreve e se inscreve. Essa marca está presente na obra hatouniana e afeta sua recepção.

As narrativas, entre a alteridade e o deslocamento – seja espacial, seja memorial, confluem vias de leituras afetivas pela cidade e pela floresta, pelos rios e por pessoas (personagens): “as narrativas: os narradores são comprometidos com as cenas

que narram, com as sensações que vivem, rememoram ou experienciam” (Souza; Cavalheiro; Páscoa, 2022, p. 73).

Passantes e navegantes tentam descobrir o que resta de um no outro e quais os elementos nessa simultaneidade contraditória respondem a diásporas plenas de nostalgia, envolvimento afetivo e errância geopoética. A transposição movimenta as lições estéticas deixadas por Walter Benjamin, por meio das quais podemos entender que os geopoetas (narradores/contadores de histórias; *Der Erzähler*. Benjamin; 1936; 2007) de Hatoum nos lançam em campos sentimentais e se expandem na elaboração de descentramentos pela palavra viva – como evidencia Mikhail Bakhtin (2019), quando da análise do romance.

Na relação entre as palavras e os lugares tudo se transforma. Sob o viés da geopoesia, navegantes e lugares, aparentemente fixos, tornam-se móveis. Os espaços, que pleiteiam a manutenção do poder hegemônico de seres e cidades ilhadas, são percebidos pelo olhar prismático de Hatoum. As personagens vão compreendendo esse universo amazônico à medida que vão assimilando enfronteiramentos – em uma espécie de empoderamento, estamental e discursivo, nas fronteiras das relações sociais, nas esteiras das relações diaspóricas.

O descompasso entre os sentidos e a referencialidade, entre o invasor e o invadido, entre o moderno e o natural abolem os limites nas relações humanas. Hatoum representa, no velho jogo cruel do local e do universal – em que o local sempre “perde”, caminhos e seres que apresentam um certo desejo em uma certa pena afetiva que volatiliza raízes e rizomas nos modos de representar:

Esse elemento transitório – *transibunt* – nada pode ser mais movente e singular que a memória. Uma memória banhada por rios (que *raizamam*) evocando alguma coisa que

desmorona, algo que inunda, algo que evapora. (...) os seus narradores da geopoesia formulam, nessa transitividade da partida e do encontro, do trânsito e do transe, do deslocamento e da chegada, o ilhamento (Silva Junior, 2020, p. 56).

No trânsito, a integração dos relatos orais transformados em romances e contos vão enformando o geopoeta em Hatoum. A língua viva traduz-se em prosa e a valorização das experiências e das expectativas dos indivíduos e das coletividades avultam na diáspora. O elemento transitório e a memória banhados pelas forças flúvias e arvoreais – posto que humanas – deixam transitar o desejo e a vertigem, a leveza e o peso, o ser e a multiplicidade (Calvino, 2001). As narrativas de *A cidade ilhada* conjugam a relação entre pessoas, espaço, memória e identidade. De forma profunda e artesanal, a coletânea responde ao universo temático de Hatoum em toda sua complexidade e em um processo de amadurecimento progressivo (em diálogo com Afrânio Coutinho). Os contos, coligidos, são um panorama de uma escrita fragmentada que correu paralela aos seus caudalosos romances. Entre a leveza e a multiplicidade, *cidades ilhadas*, habitadas por caminhantes e navegantes, as raízes diaspóricas se entrelaçam em rizomas do pertencimento. Nesse mapa literário da geopoesia-narrativa hatouniana, a territorialidade reverbera no campo simbólico. Tudo aflui para as tradições dos estrangeiros em solo amazônico. Pessoas e territórios passam por metamorfoses afetivas e sociais. Daí o constante elemento narrativo na observação e tradução de seres ilhados, insulados, continentes. Assim, as diásporas do afeto e os relatos da violência reverberam na geopoesia de uma certa e incerta Amazônia.

Em *Relato de um certo Oriente* (1989), romance de estreia

de Hatoum, por meio de uma diversidade de vozes, encontramos vivências geopoéticas e fragmentos estéticos enformados no relato da história de uma família de imigrantes do Oriente Médio que escolhe a capital do Amazonas para viver. A história afetiva da ruína de uma genealogia, advinda de tão longe, e o enraizamento de descendentes em brasis liminares, conjuga o deslocamento, o entrelugar e o estranhamento no ato de “relatar”. Essa mesma proposição retorna como tema no segundo romance – *Dois Irmãos* – publicado onze anos após *Relato de um certo oriente*. A duplicidade e dubiedade recuperam nuances do romance de estreia e ampliam-se no diálogo com a questão de personagens gêmeos – com ecos dialógicos do Machado de Assis de *Esau e Jacó* (1904).

Contra uma espécie de mutismo social, a forma que Hatoum elege é polifônica. Movimentando vários estamentos e segmentos sociais, as vozes de ideólogos populares, em abordagem dialógica, estilizam subjetividades e alteridades, muitas vezes coletivizadas e, ainda, *órfãs*. Vozes daqueles que nasceram de vários processos diaspóricos e que demigraram para o norte do Brasil, para “A Floresta” e que geram essa compreensão de uma diáspora afetiva. Nesse processo, convivem com pessoas em trânsito dentro da própria Amazônia, em destinos incertos e processos sociais profundos, muitas vezes, invisibilizados.

Sujeitos nativos, migrantes ou imigrantes, com vivências de variadas línguas e culturas que se refratam e se refletem nos espaços e nos tempos gerando nos romances formas cronotópicas tão caras ao ato de relatar. A Amazônia de Hatoum flutua entre uma localidade flagrada em sua condição de oralidade e vocalidade popular e que agrega tantos elementos de geopoesia

e, ao mesmo tempo, procura uma Amazônia que não fique ilhada topograficamente e que se abra em uma polifonia do enfronteiramento.

Por outro lado, como baliza, em uma crítica pós-colonial, podemos trazer a ideia das sociedades multiculturais, como bem traz Stuart Hall, em *Da diáspora* (2013), para pensar “a migração e os deslocamentos dos povos” como constituintes de “sociedades étnicas ou culturalmente ‘mistas’” (Hall, 2013, p. 60). Nos romances de Hatoum, temos uma diversidade de personagens que habitam as narrativas: estrangeiros, nativos, originários e aqueles em trânsito – em busca de um lugar ou deles mesmos. Estes, por sua vez, que desejam estar enraizados e, muitas vezes, são silenciados, ainda se encontram em um panorama de memória colonial. Como aponta a teoria da geopoiesia, as diásporas dentro da grande diáspora que formaram o país foram sempre violentas. Mas as personagens hatounianas, com suas vozes estilizadas e enformadas nas travessias de narradores, ousam enformar relatos afetivos.

Hakim, de *Relato de um certo oriente*, Halim e Domingas, de *Dois irmãos*, assim como os narradores em suas narrâncias afetivas – a narradora inominada, de *Relato*, e Nael, de *Dois irmãos*, são personagens que vivem em constantes deslocamentos. Trânsitos étnicos e culturais que vão emoldurando, portanto, o *modus operandi* de relatar. Com elementos das diferenças, tão presentes nesse norte hatouniano, algumas diásporas vão se compondo com seres ilhados e moventes, em formas de experienciar a alteridade e a instauração das diásporas do afeto e da violência que navegam nas mesmas paragens.

Hatoum percorre uma Manaus que já não é a da *belle*

*époque*. Entre zonas fingidoras e francas amazônicas, nas figuras do imigrante, do migrante, do nativo, do originário, os narradores da geopoética vão se constituindo. Em diálogo com outros seres (personagens), uns na condição de errância; outros pela posição fronteira ou de não pertencimento; assim como tantos outros pela condição profunda de silenciamento e compreensão dos encontros, os rastros de relatos vão constituindo memórias e deslocamentos por identidades complexas e eternas contradições humanas.

## **2. Veredas críticas que se bifurcam**

Realizando um passeio, não exaustivo, pela fortuna crítica que trata dos deslocamentos e movimentos diaspóricos em Hatoum, apontamos oito trabalhos com temática acerca da alteridade e do encontro que envolve imigrantes, exilados, mobilidades culturais e deslocamentos afetivos (Cavalheiro, 2023).

Os dois primeiros romances de Hatoum são sempre eleitos quando o agrupamento ao eixo temático das diásporas amazônicas são ponto fulcral. Encontramos os trânsitos em sete teses. O tema central do imigrante e do estrangeiro e, por conseguinte, do exílio aporta em quatro estudos em que Raduan Nassar é colocado em diálogo. Samuel Rawet é escolhido em duas teses e, nas demais, Nélide Piñon, Ana Miranda, Jorge Amado, Georges Bourdoukan, Per Johns, Moacyr Scliar e Mia Couto são convocados. Ainda, uma das teses trata das mobilidades culturais, elegendo José María Arguedas e Dany Laferrière. Em maior ou menor grau esse número abarca uma certa carga semântica: Hatoum posiciona-se em um centro para essas visões que buscam trânsitos e transições.



Stefania Chiarelli verifica em *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum* (2005) as diferentes formas “de se narrar a experiência da alteridade” (Chiarelli, 2005, p. 07). Em sua tese, ao trazer o relato híbrido do imigrante, aproxima ainda Hatoum de Raduan Nassar. A temática também é tema da tese defendida em 2009, na UFF, por Valéria Ribeiro Guerra. A pesquisadora coloca em diálogo três autores que escrevem sobre a imigração de galegos e libaneses – Nélide Piñon, Milton Hatoum e Ana Miranda, retomados através da ótica de seus descendentes na literatura brasileira.

Em sua pesquisa, Haron Gamal, em perspectiva comparativa, movimenta justamente diásporas afetivas que vão desembocar na literatura. Além de Nassar (filho de libaneses), Rawet (nascido na Polônia) e Hatoum (descendente de libaneses), coloca em diálogo Per Johns (pais dinamarqueses) e Moacyr Scliar (pais oriundos da Rússia). Investiga, em sete obras, as experiências bilíngues e/ou binacionais:

[...] o anfíbio cultural advém de outras culturas, a literatura desenvolvida a partir dessa ideia tende a transitar num patamar de universalidade, o que torna essa mesma literatura avessa a qualquer tipo de purismo ideológico ou de linguagem, incluindo aí concepções nacionalistas restritas (Gamal, 2009, p. 242).

Gamal utiliza a expressão *anfíbio cultural* para ressaltar as metamorfoses do ser estrangeiro: o lugar, o não-lugar de personagens tecidos por escritores binacionais, oriundos dos movimentos de imigração ocorridos no Brasil durante o século XX.

Os trabalhos de Fernanda Müller, tese defendida em 2011 na UFSC, e de Maria Muñoz, defendida na USP em 2013, aproximam Hatoum e Nassar. Uma das conclusões a que chega

Müller é a de que estes romances “podem ser lidos como uma espécie de palco em que não apenas se fala sobre exílio, mas exila-se a linguagem através da qual se fala, do quê se fala” (Müller, 2011, p. 215). Por sua vez, a tese de Muñoz elege os narradores dos romances *Dois Irmãos* e *Lavoura Arcaica* para pensar identidade e memória; imigração e modernidade.

A tese de Valter Villar, defendida em 2012, na UFPB, na tradição da memória cultural, dedica-se ao mundo árabe na literatura brasileira. Ao eleger representantes dos diversos períodos literários, na cronologia da História da Literatura Brasileira, estuda as configurações árabes das narrativas. Amilton de Queiroz, em tese defendida em 2015 na UFRGS, “investiga o tema da figuração do estrangeiro” (Queiroz, 2015, p. 08). Partindo de *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois irmãos* (2000) busca obras de Mia Couto – *Terra sonâmbula* (1992) e *O outro pé da sereia* (2006) para observar o ser deslocado: “o fluxo da heterogeneidade e mutabilidade das vozes, dos imaginários, dos contatos e das rasuras do eu que narra e do eu narrado” (Queiroz, 2015, p. 8).

Edilza Maciel da Silva propõe uma investigação sobre o tema das mobilidades culturais nas narrativas *Os Rios Profundos* (2005), de José María Arguedas, *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum e *País sem Chapéu* (2011), de Dany Laferrière. Em sua tese defendida na UnB, em 2019, Silva coloca: “Como lugares de passagens heterogêneas, essas três narrativas aproximam, culturalmente, as regiões brasileira/peruana/haitiana, propiciado o autoconhecimento de nossas diversidades” (2019, p. 9).

Nesse grande percurso, em maior ou menor grau, encontramos marcas das travessias de alteridade e caminhos diaspóricos que reverberam na teoria da geopoiesia. Uma percepção de uma escrita diaspórica em Hatoum, justamente pela sua capacidade de retratar e apreender, de narrar e descrever

os vários mundos amazônicos. Por meio de certos relatos, em que coabitam linguagens e que trabalham na multiplicidade polifônica, as relações específicas entre os seres (de cada um) relaciona-se com a história e com a cultura. Nessa base comum, instauram-se autores transitivos e transeuntes, dentre os quais Hatoum, esse intelectual anfibiamente criativo que se destacou desde o primeiro romance.

### 3. Personagens ilhadas

Há, nos romances de Hatoum, a presença marcante de uma multiplicidade étnica e cultural que vivencia a diáspora de diferentes formas. Elegemos as personagens Hakim, de *Relato*, e Halim e Domingas, de *Dois irmãos*, para acompanhar o trânsito entre as palavras e os seres. O imigrante é aquele que está *aqui* – local que se encontra no presente –, mas também está *lá* – local de origem, ou seja, em constante enfronteiramento: “estar *aqui* é estar *em outro lugar*, ou ainda, que *estar* é sempre uma mediação entre dois espaços, átimo que separa e une o estático e o dinâmico (...)” (Santos, 2000, p. 53).

Lugar que é, de certo modo, também ocupado pela procura, pela construção de uma nova identidade. Principalmente, no que diz respeito àqueles que são os filhos dos que vieram de outras paragens em busca de um certo enraizamento. Entre as raízes do passado e os rizomas do presente, as raizamas<sup>4</sup> apontam para um futuro que deseja ser um ponto de chegada de uma diáspora genealógica:

---

4 O conceito de raizama dialoga com duas tradições do pensamento ocidental: a) *Raízes do Brasil*; termo criado pelo retratista Sérgio Buarque de Holanda a partir de livro homônimo; b) rizomas; termo cunhado por Deleuze e Guattari. Raizama implica a possibilidade de criação de novas palavras e expressões teóricas que partem sempre do centroeste-norte brasileiro. Das raízes modernistas aos rizomas “arborescentes”, a raizama expande-se ao atualizar discussões ligadas aos temas da diáspora afetiva e seus enfronteiramentos. Para mais aprofundamento sugerimos o diálogo com Angélica Madeira: *Raízes e rizomas do Brasil*, 19994.

[...] A metáfora da raizama – nascida da geopoesia e que agrega o verbo amar – também carrega a imagem de feixe, de algo que foi colhido e “ajuntado” num “punhado”. É um conjunto de raízes de uma mesma planta, embaixo da terra ou já coletadas, ou, ainda, de plantas diferentes que emaranham no solo, às raízes culturais que figuram nas tradições e “bases” que se religam a determinada coisa, pessoa ou grupo. A raizama também tem a força rizomática quando pensamos no deslocamento do indivíduo na memória profunda de sua territorialidade – rituais que têm determinados *bulbos* estruturais, localizáveis, mas que se expandem em novas e antigas manifestações: reverberações rizomáticas nos modos de fazer e de cuidar (Silva Junior; Barros, 2020, p. 178).

Partindo de uma territorialidade hibridizada, esse diálogo entre as raizamas na geopoesia em sua pulsão diaspórica nos leva a compreender os sentidos dos livros de Hatoum. Prosa que cria uma síntese entre a tradição (na memória) e a fluidez da modernidade amazônica. Nos dois primeiros romances, o autor apresenta um espaço híbrido: as culturas denominadas locais, embora sempre em trânsito, tais como as populações do campo e ribeirinhas, bem como a cabocla e originária convivendo em tensões no espaço público e no espaço privado. Essa hibridez é fruto do encontro das diásporas afetivas e conflituosas que convergem na geografia simbólica em que culturas coexistem e se amalgamam constantemente.

Assim, as famílias surgem concomitantemente enraizadas (nas hierarquias, identidades e tradições) e rizomáticas (na fragmentação, nos conflitos, nas buscas existenciais). Esse coexistir é encontrado, por exemplo, na relação entre Halim e Zana, quando tentam manter a memória libanesa, mas sempre nos trânsitos tensos gerados pela migração e condição estrangeira.

A prosaística de Hatoum, conecta “bocalmente” (Silva Junior; Barros, 2020. Silva Junior; Rabelo; Paula Neto, 2021 p. 37) um passado comum (o Líbano, os ancestrais) e tudo se reconstrói através dos relatos e das vozes e dos olhares fragmentados das narrativas.

As raízes do lugar de onde partiram; os rizomas que vão se constituindo no território, no espaço, no trabalho; e as raizamas que são as histórias compostas pela travessia afetiva de uma diáspora que de tão longe vem vindo enformam uma língua familiar. Campos que se mantém dentro de casa (como é mostrado em *Lavoura Arcaica*) e que se constroem com as marcas e distinções da língua estrangeira dos ancestrais.

Hakim, um dos filhos da matriarca Emilie e um dos narradores de *Relato de um certo Oriente*, reconhece: “Na verdade, fui eu que me exilei para sempre” (Hatoum, 2004, p. 81). Há, nessa assertiva de Hakim, um sentimento de busca. Move-se afetivamente entre um sentimento de não-pertencimento, de uma constante condição/sensação de silenciamento, e de afastamento entre dois mundos. Sente-se no limite de dois espaços, de duas línguas, em uma liminaridade que o acompanha desde a infância: “Desde pequeno convivi com um idioma na escola e nas ruas da cidade, e com outro na Parisiense. E as vezes tinha a impressão de viver vidas distintas” (Hatoum, 2004, p. 52). Por outro lado, há, pela escolha em ser o eleito (em casa) e aprender a língua árabe, gerando um laço forte com a mãe: “tudo se acentuava pelo fato de eu compreender quando ela falava na sua língua. Porque, ao conversar comigo, minha mãe não traduzia, não tateava as palavras, não demorava na escolha de um verbo, não resvalava na sintaxe.” (Hatoum, 2004, p. 102-3).

Essa relação parental, no sentido antropológico do termo,

do ser anfíbio, também é explorada por Nassar. A língua materna, nos diálogos da mãe e nos “sermões” do pai, evocam justamente essa fusão entre o culto e a cultura em tradução livre que deixa “marcas no corpo da linguagem”, como coloca Alfredo Bosi em *Dialética da colonização* (Bosi, 1996, p. 11).

Esse narrador de um dos relatos é uma personagem que carrega consigo dois lugares, mas não se sente pertencente a nenhum. Em constante condição de liminaridade, ele é, por um lado, estrangeiro no lugar em que nasceu; por outro, guarda memórias e mantém fortes raízes com as origens longínquas. Hakim vive, assim, em um constante exílio de si. Não se sente pertencente a nenhuma língua ou cultura, a nenhum tempo ou espaço. Há, inicialmente, um sentimento de “um possível desvendamento do idioma, um domínio pleno e irrestrito que conseqüentemente traria o desvendamento do próprio passado, o estabelecimento de uma identidade através da relação de uma origem remota” (Santos, 2000, p. 57). Entretanto, a língua materna dos pais era estranha/escorregadia para Hakim: “assim que aprendi o alfabeto e antes mesmo de pronunciar uma única palavra na língua que, embora familiar, soava como a mais estrangeira das línguas estrangeiras” (Hatoum, 2004, p. 50). Passagens como essas deixam evidenciar deslocamentos afetivos em cidades e pessoas ilhadas, em lavouras e pessoas arcaicas.

Se, de um lado, a matriarca busca ensinar ao primogênito, “nos recantos desabitados da Parisiense” (Hatoum, 2004, p. 51), a língua, a cultura e o tempo em espaços liminares; de outro, o espaço de origem é-lhe também estranhamente desconhecido e alheio: “Para mim, que nasci e cresci aqui, a natureza sempre foi impenetrável e hostil” (Hatoum, 2004, p. 82). Não se reconhece, portanto, nem na cultura árabe nem na amazônica, sente-se em

uma constante travessia entre a identidade e a alteridade e até mesmo na ausência de ambas. Assim, o refúgio, o porto-seguro é a linguagem em sua movência.

O constructo das personagens hatounianas mais potentes são sempre de figuras em *migrância*. Estrangeiras para *si*, para o *outro*, estranhas para esse mundo posto – passam a existência a buscar raízes e rizomas. Seus seres mais profundos almejam, de alguma forma, um lugar para *si* em um espaço-outro, distante de suas raízes “nacionais” e de seus rizomas familiares e de nascimento. O habitar passa a ser a busca, a metamorfose, a movência: um *habitat* que nunca é “natural”.

A matriarca Emilie funciona como ponto de chegada das emoções. Os objetos que a cercam e que a constituem podem ser entendidos como metáforas do afeto. O espaço, na territorialidade, é o local em que os rastos rizomáticos das tensões familiares refletem suas tensões. A sombra da raiz diaspórica em *Relato de um certo oriente* é muitas vezes mediada pela dor da perda. A morte da matriarca, a ausência de Hakim (pai e marido) criam vácuos sentimentais que emolduram as relações entre os personagens. O luto e a saudade atravessam a narrativa, apontando como o afeto também se manifesta nas forças e formas negativas da falta que ama. A narradora sem nome – com toda carga metafórica que uma personagem sem nome pode ganhar na tradição de Graciliano Ramos –, por exemplo, ao retornar depois de anos, surge como uma tentativa existencial de reatar vínculos interrompidos e perdas que constitui os relatos (de cada um).

O afeto está sempre próximo à violência – exatamente como se dá nos movimentos diaspóricos. Emocional, física, simbólica essa afetividade mostra relações familiares marcadas pelo humano: mágoas, ressentimentos e não-ditos são acumulados

ao longo dos anos e isso tece as biografias. A relação entre Halim e Zana, no casamento, também movimenta *habitus* e complexos. A sua relação possessiva e dominadora com os filhos choca-se com o distanciamento de Halim diante dessas tensões familiares geradas pela proximidade. Zana, ainda, ao escolher Omar, molda o comportamento dele e dos outros filhos. Ao mesmo tempo molda um centro emocional da família. A rivalidade entre Yaqub e Omar culmina em atos de violência e distorção do afeto. Yaqub, tratado com frieza e distanciamento, faz dele uma figura transitória. Omar, por sua vez, superprotegido pelo amor materno, acaba se livrando de responsabilidades e passa por certo alheamento diante dos choques. Recorde-se que Yaqub tem uma experiência traumática. Ao ser “exilado” quando jovem, sua ausência no seio da família aprofunda os conflitos entre os irmãos. Mandado para longe, para as raízes, encontra um outro futuro quando volta. Assim, a diáspora afetiva gera rupturas afetivas.

Portanto, o amor fraternal, de repente, pode se tornar ódio, e o amor filial pode vir a ser a marca das contradições humanas que se estendem às marcas familiares – sejam elas libanesas, sejam elas amazônicas, o afeto é sempre uma manipulação das pulsões.

Entre o “lá e cá”, uma comunidade de personagens em constante deslocamento é representada. Halim, por exemplo, uma das personagens centrais de *Dois irmãos* (2000), vivencia a diáspora de diferentes formas. Chega ao Brasil ainda jovem e, ao longo da vida, preserva resquícios da cultura de origem, manifestas pelas escolhas religiosas, pela língua materna, pela culinária. É de origem libanesa, assim como Zana, sua esposa. São muçulmanos, mas Halim preserva a doutrina islâmica e Zana adota a marroquina. Essa diáspora que se alimenta de certa



liberdade e até mesmo de uma carnavalização ganha marcas dos brasis liminares do Norte do país. Estar no Brasil, não sendo mais exatamente do lugar de origem, permite que cada um escolha o que ser e como seguir identitariamente: é justamente nesse *limen* que Hatoum opera seus relatos diaspóricos.

Para Halim, um certo Líbano surge como espaço ancestral que carrega uma territorialidade da nostalgia. Uma terra distante que invoca o pertencer é ao mesmo tempo inacessível. Esse rasgo causado pela diáspora alimenta uma memória de um mundo de origem e ecoa elementos identitários postos a prova no Norte – lugar de busca de integração familiar. Mas os desafios do sempre-estrangeiro, também presentes nos elementos sociais e econômicos, apontam para as experiências e vivências.

No uso da língua materna, a personagem conquista Zana, seu grande amor, e quando Halim amanhece morto, Zana recorda: “como teria sido a vida dela sem aquelas palavras? Os sons, o ritmo, as rimas dos gazais. E tudo o que nasce dessa mistura: as imagens, as visões, o encantamento” (Hatoum, 2000, p. 220). É também a língua árabe a que retorna com mais frequência nos últimos dias de vida de Halim, marca de um elo com a origem: “Às vezes ele se distraía e falava em árabe. (...) “É a velhice, a gente não escolhe a língua na velhice” (Hatoum, 2000, p. 51).

Por outro lado, a ideia de fronteira – enquanto “o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente” (Bhabha, 2013, p. 25) –, viabiliza identificações e apropriações culturais. A compreensão sobre o espaço fronteiriço, do “olhar à deriva” (Hatoum, 2000, p. 266) enquanto culturas heterogêneas, permite o encontro entre Halim e a alteridade, com o lugar que escolheu para viver: “Melhor permanecer, ficar quieto no canto

onde escolhemos viver” (Hatoum, 2000, p. 56). Essa quietude leva ao fim, mas o que vimos é justamente uma biografia relatada na mistura das imagens, das visões e do encantamento.

Nas recomposições biográficas, Domingas surge como a melhor representante da diáspora dentro da diáspora. Com esse nome irônico, a empregada-agregada e órfã, de descendência indígena e que viveu durante dois anos em um orfanato de Manaus, passa a habitar a casa de uma família de origem libanesa. A violência é tão grande que, neste porto afetivo, ela se sente, de certo modo, acolhida e “livre”: “o trabalho era parecido, mas tinha mais liberdade... Rezava quando queria, podia falar, discordar, e tinha o canto dela” (Hatoum, 2000, p. 77). A condição à margem dessa mulher recupera a velha imagem do “homem cordial” trazida por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*: “essa cordialidade, estranha, por um lado, a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de *concórdia*” (Holanda, 1995, p. 205).

A personagem supre a família como trabalhadora, principalmente com sua capacidade carnavalizada de cozinhar comidas árabes e amazônicas. Domingas representa várias camadas de deslocamento. Depois da casa-grande e senzala do primeiro movimento colonial, os sobrados e mocambos de um segundo momento, nesse terceiro estágio colonizatório nas amazônias liminares, uma memória feminina das senzalas e dos mocambos incorpora-se nas mulheres indígenas (e/ou filhas e netas de originárias). Os seres cordiais se movimentam em uma diáspora cordial que leva à ideia de diáspora afetiva que, também, não abrange tão somente sentimentos positivos de concórdia.

As mulheres que servem nas casas e que são obrigadas a

servirem, também, os homens das casas ficam nesse *limen* entre o afetoso e aquilo que afeta toda a estrutura interna da família. Ao mesmo tempo, no cerne dessa família, Domingas busca um elo com a sua cultura ao utilizar a língua materna: “soltou a língua e cantou, em nheengatu, os breves refrões de uma melodia monótona. Quando criança, eu adormecia ao som dessa voz, um acalanto que ondulava nas minhas noites” (Hatoum, 2000, p. 240). No caso dela, na diáspora da diáspora, que violenta e assimila o trânsito se dá dentro de casa. Desterrada em sua própria terra, desterritorializada em sua própria realidade afetiva, ela entoia a geopoesia subalterna e revolucionária na língua de origem para, enfim, efetivar, “bocalmente”, sua raizama amazônica.

Ao mesmo tempo, a sensação de liberdade se projeta na adoção da fé cristã – por Domingas e (num processo de identificação) por Zana: “Ela se aproximou de minha mãe e virou a cabeça para o oratório. As duas, juntas, ainda disputavam a beleza de outros tempos. A índia e a levantina, lado a lado: a expressão solene dos rostos, o fervor que cruzava oceanos e rios para palpar ali naquela sala” (Hatoum, 2000, p. 148).

Lembre-se que Nael, o narrador da história, é fruto dessa convergência entre diásporas afetivas que afetam (violentamente) os destinos: da família, da mulher-empregada e do filho bastardo, “cuja legitimidade sanguínea é inquestionável, passou a vida lutando contra as goteiras do quartinho dos fundos da casa e buscando oportunidades para estudar nos intervalos das tarefas caprichosas de Zana” (Cezar, 2019, p. 32).

Hatoum, no ensaio “Laços de parentesco: Ficção e Antropologia” (2005), ao falar sobre a constituição da personagem Domingas, argumenta que seu intuito não seria “enveredar por uma busca da identidade nacional, nem mesmo

regional, amazônica. Fui movido sobretudo por uma adesão afetiva a pessoas desgarradas de seus povoados, que moravam e trabalhavam em Manaus” (Hatoum, 2005, p. 84). Essa aparente “adesão afetiva” destacada pelo autor apresenta, mais uma vez, camadas de adesões de uma diáspora dentro da diáspora das quais os romances hatounianos fazem parte e relatam. As raízes culturais de Domingas ficaram em suas remotas lembranças, mas são, de alguma forma, rememoradas ao esculpir os animais de madeira: “É um trabalho herdado de sua família, um vestígio de sua herança cultural, que ela cultivava até o momento da morte” (Hatoum, 2005, p. 86).

Os vestígios deixam heranças no corpo. Na pequena escultura, corpos-animais contam histórias Nheengatu. Os vestígios estão nas mãos, nas imagens, nas memórias póstumas de tudo que ela poderia ter sido e não foi (com seu povo). Os laços de parentesco geram essa fenda-moral na cultura amazônica. Entre a ficção (que se edita) e a antropologia (que observa e traduz de fora) os destinos se movem entre efetivas afetividades (com o perdão do trocadilho chistoso). O encontro afetivo se dá no nascimento do bastardo – que vai narrar as tramas das memórias; e da agregada, que cuida dos filhos e que vai ser enterrada no mesmo solo da família.

Quando Domingas não se levanta mais da rede, lhe é concedido o pedido de Nael: o de que sua mãe fosse enterrada no jazigo sanguíneo. Simbolicamente, somente na morte, a afetividade realmente se efetiva: “Minha mãe e meu avô, lado a lado, debaixo da terra, haviam encontrado um destino comum. Eles que vieram de tão longe para morrer aqui” (Hatoum, 2000, p. 245). Para os que de tão longe vem vindo, essa imagem de morte, tanatográfica e afetiva, conjuga justamente a relação

entre a memória e uma visão etnológica de uma situação, aparentemente, corriqueira do agregado. Os seres da diáspora afetiva – da qual Hatoum faz parte – nessa prática funerária plena de afetos reforça, ainda, as práticas antigas dos sobrados e mocambos, ciclos da borracha e ciclos de *belles e terribles époques*.

Práticas afetivas plenas de diásporas violentas que nos levam, na condição de consciência do enfronteiramento, a uma percepção de inquilinato (*incola*; Bosi, 1996, p. 12). Na hora da morte, a estranha desterrada na própria terra ganha centralidade afetiva: as raízes do Brasil ganham novos contornos, os rizomas dos deslocamentos no Norte apresentam uma literatura que dialoga com a gerações brasilianistas (do Modernismo) de 30 e de 45. As raizamas culturais, nos romances, constituem as travessias da alteridade que vimos apontando e facultam novas leituras no Século XXI.

As posições mudam, mas a condição humana impõe-se com mais força. Migrantes, imigrantes, nativos demovem-se e deambulam em ilhamento e subalternidades. Seres em fronteiras que se modificam em cultura-reflexo e cultura-criação:

Hatoum, ao estilizar essa voz com narradores marginalizados, busca assegurar um lugar de enunciação a estes personagens subalternos e subalternizados. Clandestinos, sempre em condição liminar, possibilitam, via literatura, experiências de subjetivação equânimes por brasis liminares espreados pelo norte (Cavalheiro; Silva Junior, 2021, p. 04).

Assim, os narradores dos dois primeiros romances situam-se em um “posicionamento fronteiriço”, o qual “está vinculado à marca de uma forte ausência, intimamente relacionada à procedência deles”: o abandono da mãe e pela adoção (narradora

do *Relato*) e a bastardia e o silêncio a respeito da identidade do próprio pai (Nael) (Birman, 2007, p. 14) são forças afetivas e violentas que fizeram dos romances hatounianos. Entre o subalterno e o estrangeiro com poder vemos crescer verdadeiras cidades e pessoas em diásporas contínuas.

O segundo romance de Hatoum, *Dois irmãos* (2000), narrado por Nael, filho da empregada indígena Domingas e de um dos gêmeos, filho dos patrões. São a mulher inominada e Nael *parcialmente* integrantes da família de origem libanesa. Carregam, também, laços étnicos, seja por ser filho de um dos gêmeos descendentes de libaneses, seja por receber um nome de origem árabe.

A narradora geopoeta d'ó *Relato* organiza, com base nas vozes e na memória de outras personagens, a *experiência* singular de um passado compartilhado. Essas personagens atuam por meio de depoimentos, cartas, diários etc. Movem-se como forças narrativas estilizadas. Já a narradora principal traduz, de certo modo, o contado em tom de oralidade. Os “relatantes” têm a palavra ressoando desde o título, sempre atualizando processos coletivos e socialmente seletivos. Hatoum utiliza o relato polifônico como forma de estilização, movimentando procedimentos de formas e vozes que agregam gêneros do discurso que reverberam da/na cultura: na linguagem há sempre uma concepção do mundo e um mundo criado pela palavra. Entendendo que a história e a história da cultura popular caminham juntas, a mulher inominada, ao falar de seu pai, “relata”:

Foi ele quem me ajudou a sair da cidade para ir estudar fora, e além disso nunca se contrariou com a nossa presença na casa, desde o dia em que Emilie nos aconchegou ao colo, até

o momento da separação. Desfrutamos os mesmos prazeres e as mesmas regalias dos filhos, e com ele padecemos as tempestades de cólera e mau humor de um pai desesperado e de uma mãe aflita. Nada e ninguém nos excluía da família, mas no momento conveniente ele fez questão de esclarecer quem éramos e de onde vínhamos (Hatoum, 2004, p. 20).

#### 14. Atracando num certo porto: Hatoum e seus afetos diaspóricos

Nas obras de Hatoum, como observado por Gamal, “o trânsito entre culturas diversas não existe apenas no interior dos personagens, mas numa cidade que representa uma brasilidade **a qual** não estamos acostumados a enxergar” (2009, p. 06). Vivem, como tantos sujeitos, em um entrelugar. Em Hatoum, o indivíduo tem sua existência em condição transitória e a consciência dessa situação ecoa no que é relato. Importam para ele essas transições, daí os sentidos da geopoiesia em liminaridades que abrigam sempre um sentido transitivo. Essa transitividade da busca e do desencontro, da espera e da chegada – a algum lugar – nunca é passiva. Ela necessita do outro e implica uma dimensão presente em seus personagens: o mundo, transformado em palco, está sempre passando, como os outros.

A escolha do narrador é um dos elementos centrais para o escritor liminar. Os narradores assumem, nas duas obras analisadas, além de uma posição *fronteiriça* da hegemonia da ordem familiar e social, uma condição de subalternidade. Estão à margem da casa e da sociedade, são órfãos ou filhos ilegítimos: a narradora inominada, em *Relato*, por ser e não ser filha da família que a adota e o narrador de *Dois irmãos*, por ser filho tanto da empregada quanto de um dos filhos dos patrões. Os

narradores são, portanto, responsivos e responsáveis – enquanto sujeitos que ocupam, para usar a expressão de Homi Bhabha (2013), o terceiro espaço da enunciação. Enunciação, relato que realiza a *reconstrução* da história, através da linguagem escrita. Escrita e oralidade, estilização de discursos híbridos, camadas vocais populares povoam as narrativas de Milton Hatoum.

Nos dois primeiros romances, há, além dos narradores, diversas personagens que não possuem suas subjetividades devidamente reconhecidas, nem para si nem para os outros. Buscam constituir-se, por vezes de sobras, outras de sombras. Sujeitos que retratam a precarização de viver como não-seres, relegados a não-lugares, nas margens terceiras do humano. Há, também, personagens cujas vozes são marcadas por suas presenças marginais, mas que são também responsáveis por romper o silêncio de sujeitos esquecidos individualmente e socialmente. São, pois, sujeitos de linguagem, com consciência de suas realidades híbridas, cruzando as fronteiras entre o colonizado e o colonizador, de modo a dar espaço ao diaspórico. As personagens aqui analisadas buscam criar um espaço híbrido, heterogêneo, de experiências e vivências fragmentadas, seja pelas suas condições étnicas, culturais ou sociais.

Articulando o exercício das diásporas na diáspora, Hatoum realiza a travessia das alteridades. Na recepção, o que mais salta aos olhos é sua capacidade de compor a condição e as contradições humanas. Olhando o mundo ele relata os *passantes*, as *passantes* e nós mesmos (habitantes e leitores) dos seus cenários (voluntários e involuntários) que produzem personagens, ideólogos e imagens inesgotáveis. Atos e fatos nodais que só os percursos relatados podem traduzir. Essa complexidade reside



no cerne da experiência da diáspora. Reconhecer o enraizamento de brasis liminares, o desterro rizomático na dispersão da prosa, faculta mapear as raizamas dos romances de Hatoum.

Na experiência da diáspora afetiva – uma experimentação conceitual da prosa e dos seres ilhados, os seres tomados como partes de relatos apresentam-se como seres de papel que habitam um mundo próprio e fazem parte (posto que arte) do próprio mundo. Decifrando travessias, imagens e sentimentos desses mundos, os narradores da geopoética hatouniana escrevem e reescrevem a história – de seres que passaram a vida passando. No arquipélago de Hatoum, tão flúvio e tão chão, um imenso livro de movimentos registra-se. Na sua busca de “conhecer-se a si mesmo”, conhecer territorialidades e alteridades, reconhecemos nos relatos: o eterno retorno ao reconhecimento do outro.

## Referências

ASSIS, J. M. Machado de. **Esaú e Jacó**. ASSIS, J. M. Machado de. Machado de Assis Obra completa. LEITE, Aluizio et al. (Org.). Vol. 01. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliane Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – no contexto de François Rabelais**. Tradução Yara Frateschi. Annablume/Hucitec, São Paulo: 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance III**. O romance como gênero literário. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov *In: Magia e Técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas Volume 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Der Erzähler. Erzählen: Schriften zur Theorie der narration and zur literarischen Prosa**. Alexander Honold (Org.) Suhrkamp: Frankfurt, 2007.

BIRMAN, Daniela. **Entre-narrar: relatos da fronteira em Milton Hatoum**. Orientador: João Camilo Penna. 2007. 290f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2007.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOTTOS JR., Norival. **O Ritornelo do Horror em Milton Hatoum**. Orientador: Pedro Carlos Louzada Fonseca. 2018. 243 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, UFG, 2018.

BUARQUE DE HOLLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. 2. ed. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CAVALHEIRO, Juciane. Panorama e síntese-metodológica de fortuna crítica das obras de Milton Hatoum. In: CAVALHEIRO, Juciane.; LEÃO, Allison.; SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues. **Memória, alteridade, performance: narrativas e poéticas da e sobre a Amazônia**. Manaus: Segunda Oficina, p. 46-63, 2023.

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos; SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues. Relatos da subjetividade: Personagens subalternas na obra de Milton Hatoum. **Letrônica**, v. 14, n. 3. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/39279>. Acesso em: 01 dez. de 2024.

CAVAHEIRO, Juciane; Páscoa, Márcio; SOUZA, Davi. Crônicas de Milton Hatoum: dialogismo e emancipação na pós-modernidade. **Bakhtiniana**. São Paulo, 17 (3): 60-82, julho/set. 2022.

CEZAR, Luís Adriano de Souza. **A narração e seus impasses no romance de Milton Hatoum**. Orientadora: Gínia Maria de Oliveira Gomes. 2019. 156f. Tese. (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2019.

CHIARELLI, Stefania. **Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum**. Orientador: Renato Cordeiro Gomes. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FIDELIS, Ana C. Silva. Entre Orientes: Viagens e Memórias – A narrativa Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum. Orientador: Francisco Foot Hardman. 1998. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 1998.

FREIRE, José Alonso Torres. Entre construções e ruínas: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum. Orientador: Antonio Dimas de Moraes. 2006. 244f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade de São Paulo, USP, 2006.

GAMAL, Haron Jacob. **Escritores brasileiros “estrangeiros”**: a representação do anfíbio cultural em nossa prosa de ficção. Orientador: Carlos Antônio Cecchin. 2009. 169f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2009.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUEDES, Nathassia Maria de Farias. **Poéticas do (re) encontro**: representações do deslocamento em *Terra de Icamiba*, de Abguar Bastos, e *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum. Orientadora: Ana Cláudia da Silva. 2019. 162f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, UnB, 2019.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HATOUM, Milton. **A cidade ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HATOUM, Milton. Laços de parentesco: ficção e antropologia. In: PEIXOTO, Fernanda *Et al.* (Orgs.). **Antropologias, histórias, experiências**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004, pp. 135-143. <http://docplayer.com.br/18915158-Lacos-de-parentesco-ficcao-e-antropologia.html>.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.** Organização Benedito Nunes. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

MADEIRA, Angélica. Raízes e rizomas do Brasil. Cadernos do IPRI. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, n. 15, 1994. P. 23-31.

MÜLLER, Fernanda. **A literatura em exílio**: uma leitura de *Lavoura Arcaica*, *Relato de um certo Oriente* e *Dois irmãos*. Orientador: Carlos Eduardo Schmidt Capela. 2011. 272 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2011.

MUÑOZ, Ma Del Consuelo Rodríguez. **Lavoura arcaica e Dois irmãos**: identidade e invenção da memória. Imigração e modernidade no Brasil. Orientador: Luiz D. de Aguirra Roncari. 2013. 112d. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Universidade de São Paulo, USP, 2013.

NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. 3ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

QUEIROZ, Amilton José Freire de. **Entre traços, tranças e travessias**: figurações do estrangeiro como hiato rizomático na narrativa de Milton Hatoum e Mia Couto. Orientadora: Jane Fraga Tutikian. 2015. 435 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2015.

SANTOS, Luis Alberto Brandão. Línguas estranhas. *In*: SANTOS, L. A. B.; PEREIRA, M. A. (Orgs.). **Trocas culturais na América Latina**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

SCHECHNER, Richard. **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Zeca Ligiéro (Org.). Trad. Augusto Rodrigues da Silva Junior et al. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

SILVA, Ezilda Maciel da. **Percursos americanos**: figurações das mobilidades culturais em José María Arguedas, Milton Hatoum e Danny Laferrière. Orientadora: Cíntia Carla Moreira Schwantes. 2019. 186 f. Tese (Doutorado em Literatura). Universidade de Brasília, Unb, 2019.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. Ensaio sobre a geopoética flúvia: de José Godoy Garcia a Milton Hatoum. *In*: CAVALHEIRO, Juciane; ALBUQUERQUE, Gerson de; LEÃO, Allison. **Amazônias**: literatura, histórias e outras invenções. Rio Branco: NEPAN Editora; EdUFAC, 2020. p. 53-82.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues; BARROS, Eloísa Amorim. Raizamas do Brasil: bençãos amazônicas no Oeste do Pará. *In*: **Martius-Staden-Jahrbuch**. n. 63. São Leopoldo: Oikos Editora, 2020. p. 176- 188.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues; MARQUES, Geórgia da Cunha. Godoy Garcia e Niemar: um canto geral centroestino. **ECOS** – Estudos Contemporâneos da Subjetividade. Vol. 5. n. 2, p. 232-248. Disponível em: file:///C:/Users/viini/Downloads/1699-7963-1-PB%20(1).pdf. Acesso em: 01 dez. 2024.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues; RABELO, Sara. PAULA NETO, Marcos Eustáquio de; **Geopoesia amazônia**: raizamas e livros invisíveis. In: Gerson Albuquerque; Agenor Pacheco. (Org.). **Uwa’Kürü** - Dicionário analítico. 1ed. Rio Branco: Nepan Editora; Edufac, 2022.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas**. Niterói: EdUFF, 2008.

VILLAR, Valter Luciano Gonçalves. **Os árabes e nós**: a presença árabe na literatura brasileira. Orientadora: Wilma Martins de Mendonça. 2012. 266f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, UFPB: 2012.